

Artigo original

# O tratamento da variação linguística em uma coleção de livros didáticos de Português

*The treatment of linguistic variation in a collection of Portuguese language textbooks*

*El tratamiento de la variación lingüística en una colección de libros didácticos de Portugués*

Ana Caroline Moura Teixeira<sup>1\*</sup>



**Citação:** TEIXEIRA, A. C. M. (2026). O tratamento da variação linguística em uma coleção de livros didáticos de Português. *InterteXto*, 11, 11-30. <https://doi.org/10.18554/it.v18i00.6470>

**Editor:** Juliana Bertucci Barbosa

**Recebido:** 30 out. 2024

**Aceito:** 12 dez. 2025

**Publicado:** 30 dez. 2025



Texto sobre copyright.



1. Universidade Federal do Piauí (UFPI), Programa de Pós-Graduação em Letras, Teresina (PI), Brasil.

\* Autor correspondente:

[carolmoura@ufpi.edu.br](mailto:carolmoura@ufpi.edu.br)

**Resumo:** Neste trabalho, objetivamos verificar o tratamento dado à variação linguística em uma coleção de livros didáticos de Português, à luz do que preconizam os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e dos pressupostos da Sociolinguística. Especificamente, buscamos constatar se a variação linguística é abordada de forma constante ou se aparece apenas de modo pontual ao longo da coleção analisada. Para conferir maior solidez teórica à pesquisa, fundamentamo-nos em autores como Alkimim (2012), Bagno (2007; 2015), Beline (2015), Calvet (2002), Camacho (2012), Faraco (2008; 2016), França, Ferrari e Maia (2016), Cezario e Votre (2015), Ilari e Basso (2014), Lucchesi e Lobo (1988) e Tarallo (1994). Como corpus, selecionamos a coleção *Jornadas.port – Língua portuguesa*, de Dileta Antonieta Delmanto e Laíz Barbosa de Carvalho. O estudo mostrou-se promissor na medida em que possibilitou compreender como a variação linguística é tratada em uma das coleções de livros didáticos de Português distribuídas pelo Plano Nacional do Livro Didático (PNLD) às escolas da rede pública municipal da Educação Básica de Teresina.

**Palavras-chave:** Variação linguística. Livros didáticos de Português. Parâmetros Curriculares Nacionais. Sociolinguística.

**Abstract:** In this study, we examine the treatment given to linguistic variation in a collection of Portuguese language textbooks, in light of the guidelines established by the National Curriculum Parameters (PCN) and the assumptions of Sociolinguistics. Specifically, we seek to determine whether linguistic variation is addressed consistently or whether it appears only sporadically throughout the collection analyzed. To ensure greater theoretical solidity, the study is grounded in authors such as Alkimin (2012), Bagno (2007; 2015), Beline (2015), Calvet (2002), Camacho (2012), Faraco (2008; 2016), França, Ferrari, and Maia (2016), Cezario and Votre (2015), Ilari and Basso (2014), Lucchesi and Lobo (1988), and Tarallo (1994). As the corpus, we selected the textbook collection *Jornadas.port – Língua Portuguesa*, by Dileta Antonieta Delmanto and Laíz Barbosa de Carvalho. The study proved to be promising

insofar as it enabled an understanding of how linguistic variation is addressed in one of the Portuguese language textbook collections distributed by the National Textbook Program (PNLD) to public municipal elementary education schools in Teresina.

**Keywords:** Linguistic variation. Portuguese language textbooks. National Curriculum Parameters. Sociolinguistics.

**Resumen:** En este trabajo, analizamos el tratamiento otorgado a la variación lingüística en una colección de libros didácticos de Portugués, a la luz de lo que establecen los Parámetros Curriculares Nacionales (PCN) y de los presupuestos de la Sociolingüística. Específicamente, buscamos constatar si la variación lingüística se aborda de manera constante o si aparece únicamente de forma puntual a lo largo de la colección analizada. Para conferir mayor solidez teórica a la investigación, nos fundamentamos en autores como Alkimi (2012), Bagno (2007; 2015), Beline (2015), Calvet (2002), Camacho (2012), Faraco (2008; 2016), França, Ferrari y Maia (2016), Cezario y Votre (2015), Ilari y Basso (2014), Lucchesi y Lobo (1988) y Tarallo (1994). Como corpus, seleccionamos la colección *Jornadas.port – Língua Portuguesa*, de Dileta Antonieta Delmanto y Laíz Barbosa de Carvalho. El estudio resultó prometedor en la medida en que permitió comprender cómo se aborda la variación lingüística en una de las colecciones de libros didácticos de Portugués distribuidas por el Plan Nacional del Libro Didáctico (PNLD) a las escuelas de la red pública municipal de la Educación Básica de Teresina.

**Palabras clave:** Variación lingüística. Libros didácticos de Portugués. Parámetros Curriculares Nacionales. Sociolingüística.

## 1. Introdução

Este trabalho é um recorte de nosso Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), no âmbito da graduação. A escolha de trabalhar com a temática de variação linguística em uma coleção de livros didáticos de Português no TCC surgiu a partir dos estudos realizados na disciplina de Sociolingüística, a qual ensejou o desejo de aprofundar os conhecimentos nesta área e, principalmente, com a mencionada temática. Além disso, com a realização do Estágio Obrigatório, percebemos o quanto um trabalho desta natureza pode ser de relevância social à medida que contribui para a adequada atuação do professor de Língua Portuguesa na Educação Básica que se utiliza, muitas vezes, apenas, do livro didático como principal veículo para difundir os fenômenos sobre a língua em sala de aula. Ademais, o tratamento adequado da variação linguística nos livros didáticos de Português e nas salas de aula pode contribuir para a minimização do preconceito tão entranhado na sociedade e, ainda, proporcionar aos alunos reflexões sobre a heterogeneidade e os múltiplos contextos de uso da língua.

Assim sendo, pesquisas desta natureza servem para conhecer a realidade educacional brasileira e, ainda, para avaliar o material disponibilizado, no que se refere ao conteúdo de variação linguística, nas escolas e, com isso, fomentar, na medida do possível, ajustes ou incorporações que podem ser feitos para que os seus livros se apresentem em conformidade com as contribuições sociolingüísticas.

Desta forma, a problemática investigativa da presente pesquisa girou em torno da seguinte interrogativa: Qual o tratamento dado à variação linguística em uma coleção de livros didáticos de Português, posto que esta se tornou item obrigatório no ensino de Língua Portuguesa com a publicação

dos Parâmetros Curriculares Nacionais - terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental a partir de 1998?

Isto posto, este trabalho objetivou verificar o tratamento dado à variação linguística em uma coleção de livros didáticos de Português, considerando o que preconizam os Parâmetros Curriculares Nacionais e os pressupostos da Sociolinguística. Especificamente, buscamos constatar se a variação linguística foi uma constante ou aparece de forma pontual na coleção de livros didáticos de Português.

Para isso, no intuito de dar maior solidez e consistência à pesquisa, baseamo-nos em autores como Alkimim (2012), Bagno (2007; 2015), Beline (2015), Calvet (2002), Camacho (2012), Faraco (2008; 2016), França, Ferrari e Maia (2016), Cezario e Votre (2015), Ilari e Basso (2014), Lucchesi e Lobo (1988) e Tarallo (1994).

Para a verificação do tratamento dado à variação linguística, selecionamos uma das coleções de livros didáticos de Português mais recorrente entre as vinte escolas municipais da rede pública de Teresina que ofertam os anos finais do ensino fundamental e tiveram os melhores desempenhos na avaliação do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) de 2015. Desta forma, após levantamento realizado, elegemos a coleção *Jornadas.port – Língua portuguesa*<sup>1</sup>, de Dileta Antonieta Delmanto<sup>2</sup> e Laíz Barbosa de Carvalho<sup>3</sup>.

É interessante mencionar que os livros didáticos adotados nas escolas públicas são aprovados pelo Plano Nacional do Livro Didático e, para tanto, são avaliados por comissões específicas, tendo como parâmetro o Edital de convocação para inscrição de obras didáticas para o programa referenciado a cada triênio. Com isso, os livros didáticos de Português adotados nos quatro anos finais do ensino fundamental no ano 2016, por exemplo, foram avaliados em processo oficial para serem utilizados entre os anos 2014 e 2016.

Diante disso, este trabalho trilhou o seguinte percurso textual: primeiramente, na introdução, fizemos uma breve apresentação da pesquisa, evidenciando-se a motivação, a relevância, a problemática investigativa, os objetivos de pesquisa e os autores que subsidiaram o trabalho; em seguida, foram feitas considerações sobre a Sociolinguística, fazendo-se distinções acerca dos conceitos de variação, variável, variante e variedade linguísticas, além de distinções acerca dos conceitos de norma padrão e norma culta; depois, foram realizadas considerações sobre a Sociolinguística nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e sobre a variação linguística no Plano Nacional de Livro Didático (PNLD). Posteriormente, foram apresentadas as análises e discussões dos resultados obtidos; e, por fim, as considerações finais sobre o estudo em voga.

## 2. A Sociolinguística: algumas considerações iniciais

O trabalho ora realizado insere-se no campo de pesquisa dos pressupostos da Sociolinguística, uma área, dentro da Linguística, que trata das relações entre linguagem e sociedade, dito em outros termos, conforme Camacho (2012, p. 61), a Sociolinguística “trata da estrutura e da evolução da

<sup>1</sup> Segunda edição, publicada em 2012, pela Editora Saraiva.

<sup>2</sup> É Licenciada em Letras (Português e Inglês) pela Instituição Toledo de Ensino (1973) e Mestre em Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo PUC-SP (2003). Atua, sobretudo nas temáticas de textualidade e ensino de língua portuguesa, conforme o Currículo Lattes. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/8073994332502726>. Acesso em: 23 out. 2022.

<sup>3</sup> É Licenciada em Letras e Mestre em Literatura Brasileira pela Universidade Sagrado Coração (USC-Bauru-SP). É professora das redes estadual e particular de São Paulo, atuando, nas áreas de língua e literatura, conforme o Currículo Lattes. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/6783429555953292>. Acesso em: 23 out. 2022.

linguagem, encaixando-a no contexto social da comunidade”. O objeto de estudo da Sociolinguística é a língua em situações de uso, ou seja, é a “língua falada, observada, descrita e analisada em seu contexto social” (Alkimim, 2012, p. 33).

O termo Sociolinguística, como área da Linguística, firmou-se em 1964, num congresso, organizado por William Bright, na Universidade da Califórnia, em Los Angeles, nos Estados Unidos. Reuniram-se 25 pesquisadores em uma das conferências sobre Sociolinguística e, com isso, ocorreram-se debates com diversidade de temas relacionados às estruturas linguísticas e parâmetros sociais. Consoante Alkimim (2012), participaram deste congresso estudiosos que se tornaram, posteriormente, referências clássicas nos estudos voltados à relação entre linguagem e sociedade, como: William Labov, Dell Hymes, John Gumperz, Einar Haugen, John Fisher e José Pedro Rona.

A partir deste congresso, consolidaram-se os estudos sob o rótulo da Sociolinguística, inclusive, com uma grande variedade de assuntos que culminaram em subáreas, como a Sociolinguística Variacionista ou Sociolinguística Quantitativa ou Teoria da Variação, introduzida por William Labov, que “trata do exame da linguagem no contexto social como solução de problemas próprios da teoria da linguagem” (Camacho, 2012, p. 53). Para Labov, a linguagem deve ser compreendida a partir de seu contexto social, focalizando as variações linguísticas. Com isso, a partir dos trabalhos de Labov, o conceito de variável linguística, emergiu como sendo “elemento linguístico que varia em correlação com dimensões linguísticas e extralinguísticas” (França; Ferrari; Maia, 2016, p. 92).

O que é variação linguística? O que é variável linguística? O que é variante linguística? O que é variedade linguística? São termos sinônimos? Não, variação, variável, variante e variedade, apesar de serem derivadas do verbo *variar*, são terminologias distintas na teoria sociolinguística. Portanto, antes de mais nada, precisamos nos municiarmos destes conceitos básicos para adentrar nos estudos dessa teoria linguística a fim de evitar utilizá-los de forma equivocada. Desta forma, adiante, foram pormenorizadas essas terminologias para contribuir com os objetivos desta pesquisa.

## 2.1. Variação, variável, variante e variedade linguísticas

O conceito de variação linguística, conforme Bagno (2007), “é a espinha dorsal da Sociolinguística”. Logo, é um dos conceitos centrais dessa área de estudo. A variação linguística, ainda com o mesmo autor, refere-se aos “diversos conjuntos de realizações possíveis dos recursos expressivos que estão à disposição dos falantes” numa comunidade linguística. Esses recursos que determinam a variação podem ser de ordem linguística (estrutural) ou extralinguística (social) ou uma combinação das duas.

A variação, numa ordem linguística (estrutural), acontece em todos os níveis da língua, quais sejam, fonético-fonológico, morfológico, sintático, semântico e pragmático. No excerto abaixo, apresentamos alguns exemplos de variação nos níveis do sistema linguístico:

- *variação fonético-fonológica* → pense em quantas pronúncias você conhece para o R da palavra PORTA no português brasileiro;
- *variação morfológica* → as formas PEGAJOSO e PEGUENTO exibem sufixos diferentes para expressar a mesma ideia;
- *variação sintática* → nas frases UMA HISTÓRIA QUE NINGUÉM PREVÊ O FINAL / UMA HISTÓRIA QUE NINGUÉM PREVÊ O FINAL DELA / UMA HISTÓRIA CUJO FINAL NINGUÉM PREVÊ, o sentido geral é o mesmo, mas os elementos estão organizados de maneiras diferentes;
- *variação semântica* → a palavra VEXAME pode significar “vergonha” ou “pressa”, dependendo da origem regional do falante;

- *variação lexical* → as palavras MIJO, XIXI e URINA se referem todas à mesma coisa;
- *variação estilístico-pragmática* → os enunciados QUEIRAM SE SENTAR, POR FAVOR e VAMO SENTANO AÍ, GALERA correspondem a situações diferentes de interação social, marcadas pelo grau maior ou menor de formalidade do ambiente e de intimidade entre os interlocutores, e podem inclusive ser pronunciados pelo mesmo indivíduo em situações de interação diferentes (BAGNO, 2007, p. 39-40).

Já a variação, numa ordem extralinguística (social), pode ser realizada baseada em fatores de origem geográfica, *status* socioeconômico, grau de escolarização, idade, sexo, mercado de trabalho e redes sociais. No excerto abaixo, apresentamos detalhes sobre os fatores extralinguísticos mencionados e que podem auxiliar na identificação dos fenômenos de variação linguística:

- **ORIGEM GEOGRÁFICA:** a língua varia de um lugar para o outro; assim, podemos investigar, por exemplo, a fala característica das diferentes regiões brasileiras, dos diferentes estados, de diferentes áreas geográficas dentro de um mesmo estado etc.; outro fator importante também é a origem rural ou urbana da pessoa;
- **STATUS SOCIOECONÔMICO:** as pessoas que têm um nível de renda muito baixo não falam do mesmo modo das que têm um nível de renda médio ou muito alto, e vice-versa;
- **GRAU DE ESCOLARIZAÇÃO:** o acesso maior ou menor à educação formal e, com ele, à cultura letrada, à prática da leitura e aos usos da escrita, é um fator muito importante na configuração dos usos linguísticos dos diferentes indivíduos;
- **IDADE:** os adolescentes não falam do mesmo modo como seus pais, nem estes pais falam do mesmo modo como as pessoas das gerações anteriores;
- **SEXO:** homens e mulheres fazem usos diferenciados dos recursos que a língua oferece;
- **MERCADO DE TRABALHO:** o vínculo da pessoa com determinadas profissões e ofícios incide na sua atividade linguística: uma advogada não usa os mesmos recursos linguísticos de um encanador, nem este os mesmos de um cortador de cana;
- **REDES SOCIAIS:** cada pessoa adota comportamentos semelhantes aos das pessoas com quem convive em sua rede social; entre esses comportamentos está também o comportamento linguístico (Bagno, 2007, p. 43-44).

Assim sendo, com base nos fatores linguísticos, relacionados aos níveis da língua e nos fatores extralinguísticos, relacionados aos fatores sociais, conforme Bagno (2007), a variação sociolinguística pode ser classificada em 5 (cinco) tipos específicos, quais sejam, variação diatópica, variação diastrática, variação diamésica, variação diafásica e variação diacrônica. No excerto abaixo, apresentamos cada tipo específico de variação sociolinguística:

- *variação diatópica* → é aquela que se verifica na comparação entre os modos de falar de *lugares diferentes*, como as grandes regiões, os estados, as zonas rural e urbana, as áreas socialmente demarcadas nas grandes cidades etc. O adjetivo DIATÓPICO provém do grego DIÁ-, que significa “através de”, e de TÓPOS, “lugar”.
- *variação diastrática* → é a que se verifica na comparação entre os modos de falar das diferentes *classes sociais*. O adjetivo provém de DIÁ- e do latim STRATUM, “camada, estrato”.
- *variação diamésica* → é a que se verifica na comparação entre a *língua falada e a língua escrita*. Na análise dessa variação é fundamental o conceito de *gênero textual*. O adjetivo provém de DIÁ- e do grego MÉSOS, “meio”, no sentido de “meio de comunicação”.
- *variação diafásica* → é a variação estilística [...], isto é, o uso diferenciado que cada indivíduo faz da língua de acordo com o grau de *monitoramento* que ele confere ao seu comportamento verbal. O adjetivo provém de DIÁ- e do grego PHÁSIS, “expressão, modo de falar”.
- *variação diacrônica* → é a que se verifica na comparação entre diferentes etapas da *história* de uma língua. As línguas mudam com o tempo [...] e o estudo das diferentes



etapas da mudança é de grande interesse para os linguistas. O adjetivo provém de DIÁ- e do grego KHRÓNOS, “tempo” (Bagno, 2007, p. 46-47).

Vale destacar, consoante Ilari e Basso (2014), que qualquer produção verbal pode ser simultaneamente marcada por mais de um tipo específico de variação sociolinguística. Desta forma, quando vamos analisar um dado *corpus* linguístico, pode-se encontrar mais de uma classificação de variação sociolinguística. Cezario e Votre (2015, p. 145), também, para ratificar os comentários de Ilari e Basso (2014), dizem que “o que ocorre normalmente nas línguas é uma interação mais ou menos estreita entre as diferentes variáveis”. Cezario e Votre (2015), assim, mencionam mais um termo da Sociolinguística que merece algumas considerações: a variável linguística. Com isso, foram feitas distinções no próximo parágrafo entre variável e variante linguísticas.

Calvet (2002, p. 80) apresentando os termos variável e variante, assim, nomeou-os: “*variável* o conjunto constituído pelos diferentes modos de realizar a mesma coisa (um fonema, um signo...) e por *variante* cada uma das formas de realizar a mesma coisa”. Para Tarallo (1994, p. 8), o conceito de variante linguística remete às “diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade”. Já o conceito de variável linguística, para esse autor, reporta-se ao “conjunto de variantes” linguísticas. Para Beline (2015, p. 122), a variável linguística é “um conjunto de duas ou mais variantes. Estas, por sua vez, são diferentes formas linguísticas que veiculam um mesmo sentido”.

Assim, a variação linguística engloba um conjunto de variáveis, que estas por sua vez, englobam um conjunto de variantes. Numa variação em nível sintático, por exemplo, no que se refere à variável transitividade do verbo ASSISTIR, na acepção de ‘ver, presenciar, estar presente’ e afins, pode se ter duas variantes: a transitividade direta (Assistir o filme) e a transitividade indireta (Assistir ao filme). Outro exemplo que se pode mencionar é de uma variação em nível morfológico, no que se refere à variável infinitivo do verbo ANDAR, pode se ter duas variantes: a presença do morfema -r final (andar) e a ausência do -r final (andá), decorrente do apagamento do -r.

Outro conceito relevante nos estudos sociolinguísticos é o de variedade linguística. Consoante Bagno (2007, p. 57), uma variedade linguística é “o modo de falar a língua característico de determinado grupo social ou de determinada região geográfica”. Nesse sentido, os diferentes modos de falar se concatenam com fatores extralinguísticos, conforme já mencionados, como origem geográfica, status socioeconômico, grau de escolarização, idade, sexo, mercado de trabalho e redes sociais. Com isso, numa pesquisa científica podemos descrever quantas variedades linguísticas desejamos, tendo como critério a delimitação de fatores extralinguísticos. Assim sendo, a partir do conceito acima mencionado, podemos dizer que o modo de falar de jovens, entre 20 e 25 anos, cursando ensino superior, que frequentam a Igreja Nossa Senhora de Lourdes na cidade de Teresina compõe uma variedade linguística. Por seu turno, o modo de falar de adultos, do sexo masculino, entre 40 e 50 anos, que são fazendeiros e moram na parte rural da cidade de Bom Jesus, compreende uma outra variedade linguística e assim por diante.

As variedades linguísticas, assim como as variações linguísticas, também são classificadas em tipos, conforme discriminação a seguir:

- *dialeto* → é um termo usado há muitos séculos, desde a Grécia antiga, para designar o modo característico de uso da língua num determinado lugar, região, província etc. Muitos linguistas empregam o termo *dialeto* para designar o que a Sociolinguística prefere chamar de variedade.

- *socioleto* → designa a variedade linguística própria de um grupo de falantes que compartilham as mesmas características socioculturais (classe socioeconômica, nível cultural, profissão etc.).
- *cronoleto* → designa a variedade própria de determinada faixa etária, de uma geração de falantes.
- *idioleto* → designa o modo de falar característico de um indivíduo, suas preferências vocabulares, seu modo próprio de pronunciar as palavras, de construir as sentenças etc. (Bagno, 2007, p. 48).

Vale sobrelevar, todavia, que essas terminologias de variedade linguística não são muito frequentes nos trabalhos sociolinguísticos, considerando que os pesquisadores, por sua vez, preferem as expressões variedade regional, variedade social, variedade generacional (ou de geração), por exemplo, conforme Bagno (2007) pondera.

Além das terminologias apresentadas acima, há outras terminologias relevantes nos estudos sociolinguísticos, quais sejam, norma padrão e norma culta. Elas são terminologias sinônimas? Não, são diferentes. Desta forma, na subseção abaixo foram apresentadas as distinções entre essas duas normas nos estudos sociolinguísticos.

## 2.2. Norma padrão e norma culta

Segundo Faraco (2008, p. 73), a norma padrão não é uma variedade da língua, mas “um construto sócio-histórico que serve de referência para estimular um processo de uniformização”. A norma culta, por sua vez, ainda com o mesmo autor, é uma variedade da língua, também denominada de comum e standard, utilizada para designar “o conjunto de fenômenos linguísticos que ocorrem habitualmente no uso dos falantes letrados em situações mais monitoradas de fala e escrita” (FARACO, 2008, p. 71). Faraco (2008), também, faz comentários distintivos dessas duas normas, conforme se vê abaixo:

Enquanto a norma culta/comum/*standard* é a expressão viva de certos segmentos sociais em determinadas situações, a norma-padrão é uma codificação relativamente abstrata, uma baliza extraída do uso real para servir de referência, em sociedades marcadas por acentuada dialeção, a projetos políticos de uniformização linguística (Faraco, 2008, p. 73).

No que se refere ao padrão como baliza e referência, Faraco (2016, p. 214) acrescenta que esse padrão “tem sua importância e utilidade como força centrípeta no interior do vasto universo centrífugo que caracteriza as línguas, em especial nas situações em que se busca alcançar certa uniformidade que atenua uma intensa dialeção”.

Lucchesi e Lobo (1988), trabalhando no cotejo entre as normas culta e padrão, apresentam esses termos da seguinte forma:

a norma culta compreenderia os modelos comuns à fala das pessoas possuidoras da cultura do tipo formalizado, isto é, a cultura sistematizada e difundida pelo sistema de educação formal. Por outro lado, a norma padrão compreenderia os modelos apresentados e prescritos pelas gramáticas normativas. (Lucchesi; Lobo, 1988, p. 74).

Bagno (2015), diferente de Faraco (2008) e Lucchesi e Lobo (1988), por conta de ambiguidades que o termo implica, prefere se utilizar do termo variedades prestigiadas para se referir à norma culta que, para ele, engloba o conjunto de variedades faladas não apenas pelos cidadãos de maior nível de

escolarização, mas também as variedades faladas pelos cidadãos de maior poder aquisitivo e prestígio sociocultural. Já compatível com os autores citados, a norma padrão, para Bagno (2015), refere-se ao “modelo idealizado de língua ‘certa’ descrito e prescrito pela tradição gramatical normativa – e que de fato não corresponde a nenhuma variedade falada autêntica e, em grande medida, tampouco à escrita mais monitorada” (Bagno, 2015, p. 14-15).

Tais distinções entre a norma padrão e a norma culta (variedades prestigiadas, comum e *standard*) são relevantes, considerando que muitos ainda tratam estas duas normas como sendo sinônimas.

Assim sendo, a partir do conhecimento preliminar do que é a Sociolinguística nos estudos linguísticos e seus principais conceitos e terminologias de uso, na próxima seção, foram apresentadas esta área do conhecimento linguístico nos Parâmetros Curriculares Nacionais.

### **3. A Sociolinguística nos Parâmetros Curriculares Nacionais**

Com a publicação da coleção de documentos intitulada Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) pelo Ministério da Educação (MEC) houve uma renovação do ensino nas escolas de educação básica no Brasil. No que se refere ao ensino de Língua Portuguesa, os PCN introduziram uma mudança na concepção de ensino de língua nas redes escolares brasileiras, passando de uma concepção tradicionalista para uma concepção inovadora, atrelada ao interacionismo e a heterogeneidade da língua nos múltiplos contextos de uso. Por conseguinte, os conceitos advindos da Sociolinguística, como a variação e as variedades linguísticas, a partir da introdução dos PCN, começam a ser empregados no ensino de língua materna e, com isso, os livros didáticos foram se adequando a essa nova realidade.

Segundo os PCN de Língua Portuguesa (Brasil, 1998), a partir da crítica no ensino tradicional que teve veemência no início da década de 80 com os estudos linguísticos independentes da gramática tradicional e da filologia, além dos estudos empreendidos pelas áreas que atuam com a variação linguística e a psicolinguística, por exemplo, possibilitaram avanços vertiginosos no ensino de língua materna. Para ilustrar, abaixo, apresentam-se um trecho dos PCN de Língua Portuguesa (Brasil, 1998) que comenta acerca do desenvolvimento do ensino, sobretudo pela imersão dos estudos relacionados às variedades linguísticas.

É neste período que ganha espaço um conjunto de teses que passam a ser incorporadas e admitidas, pelo menos em teoria, por instâncias públicas oficiais. A divulgação dessas teses desencadeou um esforço de revisão das práticas de ensino da língua, na direção de orientá-las para a ressignificação da noção de erro, para a admissão das variedades linguísticas próprias dos alunos, muitas delas marcadas pelo estigma social, e para a valorização das hipóteses linguísticas elaboradas pelos alunos no processo de reflexão sobre a linguagem e para o trabalho com textos reais, ao invés de textos especialmente construídos para o aprendizado da escrita. O resultado mais imediato desse esforço de revisão foi a incorporação dessas idéias por um número significativo de secretarias de educação estaduais e municipais, no estabelecimento de novos currículos e na promoção de cursos de formação e aperfeiçoamento de professores (Brasil, 1998, p. 18).

Mesmo com o avanço no ensino de língua materna, conforme os PCN (Brasil, 1998), a prática e as reflexões pedagógicas nos dois últimos ciclos do Ensino Fundamental ainda não estão consolidadas, se comparado aos dois primeiros ciclos do ensino fundamental, necessitando, assim, de uma democratização mais acentuada para oportunidades de crescimento.



Os PCN de Língua Portuguesa (Brasil, 1998), voltados para os terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental se estruturam em duas partes: a primeira, voltada para a apresentação da área de Língua Portuguesa, de modo geral, e a segunda, voltada para a Língua Portuguesa no terceiro e no quarto ciclos. Na primeira parte é notório destacar uma das seções que apresenta reflexões sobre a linguagem, trazendo as implicações da questão da variação linguística para a prática pedagógica. Nesse quesito, apresenta-se o seguinte excerto que demonstra o que se deseja com o ensino de variação linguística na Educação Básica:

No ensino-aprendizagem de diferentes padrões de fala e escrita, o que se almeja não é levar os alunos a falar certo, mas permitir-lhes a escolha da forma de fala a utilizar, considerando as características e condições do contexto de produção, ou seja, é saber adequar os recursos expressivos, a variedade de língua e o estilo às diferentes situações comunicativas: saber coordenar satisfatoriamente o que fala ou escreve e como fazê-lo; saber que modo de expressão é pertinente em função de sua intenção enunciativa - dado o contexto e os interlocutores a quem o texto se dirige. A questão não é de erro, mas de adequação às circunstâncias de uso, de utilização adequada da linguagem (Brasil, 1998, p. 31).

Na segunda parte, por sua vez, é válido acentuar uma das seções que apresenta na prática de análise linguística, no que se refere ao tratamento didático dos conteúdos para os ciclos finais no Ensino Fundamental, orientações didáticas específicas para alguns conteúdos, como a variação linguística. Nesse sentido, apresenta-se, abaixo, um excerto dos PCN de Língua Portuguesa (Brasil, 1998) que são propostas atividades que podem ser trabalhadas em sala de aula para que o assunto de variação linguística seja conduzido efetivamente:

- transcrição de textos orais, gravados em vídeo ou cassete, para permitir identificação dos recursos linguísticos próprios da fala;
- edição de textos orais para apresentação, em gênero da modalidade escrita, para permitir que o aluno possa perceber algumas das diferenças entre a fala e a escrita;
- análise da força expressiva da linguagem popular na comunicação cotidiana, na mídia e nas artes, analisando depoimentos, filmes, peças de teatro, novelas televisivas, música popular, romances e poemas;
- levantamento das marcas de variação linguística ligadas a gênero, gerações, grupos profissionais, classe social e área de conhecimento, por meio da comparação de textos que tratem de um mesmo assunto para públicos com características diferentes:
  - elaboração de textos procurando incorporar na redação traços da linguagem de grupos específicos;
  - estudo de textos em função da área de conhecimento, identificando jargões próprios da atividade em análise;
  - comparação de textos sobre o mesmo tema veiculados em diferentes publicações (por exemplo, uma matéria sobre meio ambiente para uma revista de divulgação científica e outra para o suplemento infantil);
  - comparação entre textos sobre o mesmo tema, produzidos em épocas diferentes;
  - comparação de duas traduções de um mesmo texto original, analisando as escolhas estilísticas feitas pelos tradutores;
  - comparação entre um texto original e uma versão adaptada do mesmo texto, analisando as mudanças produzidas;
  - comparação de textos de um mesmo autor, produzido em condições diferentes (um artigo para uma revista acadêmica e outro para uma revista de vulgarização científica);
- análise de fatos de variação presentes nos textos dos alunos;
- análise e discussão de textos de publicidade ou de imprensa que veiculem qualquer tipo de preconceito linguístico;

- análise comparativa entre registro da fala ou de escrita e os preceitos normativos estabelecidos pela gramática tradicional (BRASIL, 1998, p. 82-83).

Enfim, o estudo da variação linguística tem papel fundamental para a formação consciente do alunado do Ensino Fundamental. Desta forma, frente ao que preconizam os PCN de Língua Portuguesa (BRASIL, 1998), voltados para os terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental, o Plano Nacional do Livro Didático (PNLD) apresenta edital com princípios e critérios de avaliação das coleções didáticas destinadas aos alunos e professores dos anos finais do ensino fundamental da rede pública. Entre esses princípios e critérios de avaliação, há alguns relacionados à variação linguística que foram apresentados na próxima seção.

#### **4. A variação linguística no Plano Nacional do Livro Didático**

O Plano Nacional do Livro Didático é um programa voltado para a distribuição gratuita de livros didáticos, acervo de obras literárias, obras complementares e dicionários a serem utilizados pelos alunos e professores das escolas públicas brasileiras do nível fundamental e médio. Para tanto, a cada triênio, o programa, de forma alternada, trabalha com determinada etapa de ensino. No ano de 2014, por exemplo, empenhou-se para o atendimento dos alunos e professores dos anos finais no ensino fundamental da educação básica pública. Com isso, publicou o Edital de convocação Nº 06/2011 pela Coordenação-Geral dos Programas do Livro (CGPL) da Secretaria de Educação Básica (SEB) do Ministério da Educação (MEC) com todas as diretrizes para o processo de inscrição e avaliação de coleções de livros didáticos. Desta forma, as coleções didáticas das editoras foram avaliadas e as aprovadas nesse processo foram resenhadas e disponibilizadas, por um Guia do Livro Didático do componente curricular, às escolas participantes do PNLD.

Na avaliação, existem critérios comuns a todos os componentes curriculares e critérios específicos de cada um deles. Para o componente curricular de Língua Portuguesa, no que se refere à temática de variação linguística, o edital do PNLD de 2014, por recomendações expressas da política educacional vigente, apresenta que ensino de Língua Portuguesa deve se pautar para “o desenvolvimento de atitudes, competências e habilidades envolvidas na compreensão da variação linguística e no convívio democrático com a diversidade dialetal, de forma a evitar o preconceito e valorizar as diferentes possibilidades de expressão linguística” (Brasil, 2011, p. 69). Com isso, as coleções didáticas, no que se refere à variação linguística, deveriam obedecer a critérios específicos. Por exemplo, segundo o edital, no que se refere aos critérios relativos à natureza do material textual, cada coletânea deveria:

ser representativa da heterogeneidade própria da cultura da escrita — inclusive no que diz respeito à autoria, a registros, estilos e variedades (sociais e regionais) linguísticas do Português —, de forma a permitir ao aluno a percepção de semelhanças e diferenças entre tipos de textos e gêneros diversos, pertencentes a esferas socialmente mais significativas de uso da linguagem (Brasil, 2011, p. 70).

E, no que se refere aos critérios relativos ao trabalho com os conhecimentos linguísticos, cada coletânea deveria: “considerar e respeitar as variedades regionais e sociais da língua, promovendo o estudo das normas urbanas de prestígio nesse contexto sociolinguístico” (Brasil, 2011, p. 71). Desta forma, as coleções didáticas que não contemplassem os critérios acima expostos, não só acerca de variação linguística, mas de outros conteúdos, foram eliminadas do processo de seleção.

Após as avaliações, considerando os critérios gerais e específicos do edital no PNLD 2014, das 23 coleções de Língua Portuguesa que foram inscritas, 12 (doze) coleções foram aprovadas para compor o Guia do Livro Didático de Língua Portuguesa PNDL 2014 (Brasil, 2013).

É interessante mencionar que, conforme o Guia de Língua Portuguesa do PNLD 2014 (BRASIL, 2013), as coleções aprovadas:

trazem, em conjunto, inovações que aprofundam e diversificam o processo de adequação dos livros didáticos à virada pragmática no ensino da língua materna, responsável, há cerca de trinta anos, pelas grandes transformações que vêm ocorrendo tanto na concepção do que é uma disciplina como Língua Portuguesa quanto pelos métodos de ensino considerados adequados (Brasil, 2013, p. 21).

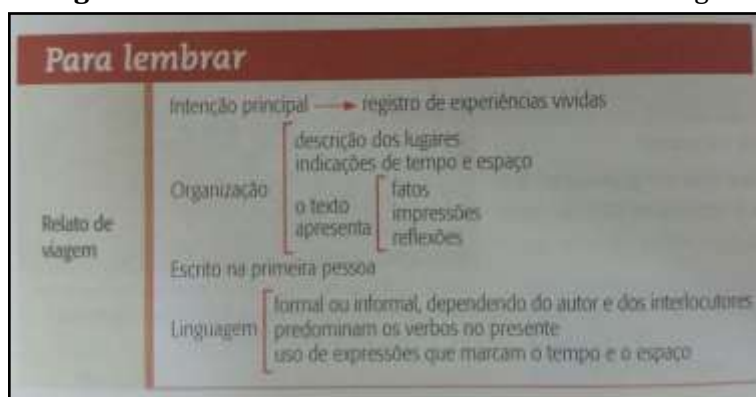
Nesse sentido, as coleções didáticas de Língua Portuguesa aprovadas e recomendadas no PNDL 2014 para serem utilizadas pelos alunos e professores do segundo segmento do Ensino Fundamental, no período de 2014 a 2016, são obras que reforçam a política de ensino nos avanços empreendidos em língua materna e educacional. Na seção seguinte, apresentaremos como a variação linguística é retratada em uma coleção didática de Língua Portuguesa.

## 5. A variação linguística na coleção de Livros Didáticos de Português

Esta seção foi dedicada a apresentar o objetivo específico de demonstrar se a variação linguística foi uma constante ou apareceu de forma pontual na coleção de livros didáticos de Português. Assim sendo, após o cotejo dos livros didáticos da coleção *Jornadas.port – Língua portuguesa*, verificou-se que a abordagem da variação linguística não foi restrita a apenas uma seção de uma dada unidade de ensino. Houve, ao longo dos livros didáticos pesquisados, referência à variação linguística, seja em boxes explicativos, seja em seções dedicadas a essa temática, seja em atividades, seja em questões de provas oficiais (trechos e fragmentos foram apresentados ao longo desta seção). Vale destacar, ainda, que essa referência, às vezes, foi implícita, mas, mesmo assim, não deixa de ser um ponto forte dessa coleção, posto que coleções didáticas de Português podem se restringem a apresentar reflexões de conteúdos gramaticais, sem fazer a devida menção às diversas variações por que perpassa a língua.

Ao longo da coleção *Jornadas.port – Língua portuguesa*, por exemplo, foram encontradas indicações de como a linguagem em diversos gêneros textuais deve ser manifestada. A seguir, temos a apresentação esquemática do gênero textual *Relatório de viagem*:

### Fragmento 1 – Boxe Para Lembrar – Relatório de viagem



Fonte: Delmanto e Barbosa (2012a, p. 198).

Neste fragmento, constatou-se que as autoras apresentam a linguagem a ser manifestada nessa interação social, quais sejam, “formal ou informal, dependendo do autor e dos interlocutores” (Delmanto; Barbosa, 2012a, p. 198). Nesse sentido, as autoras apresentaram ponderações implicitamente para os alunos sobre a variação diafásica, uma das variações sociolinguísticas, que envolve o uso diferenciado da língua, de acordo com o grau de monitoramento.

As autoras, ao longo da coleção, fizeram esse trabalho de conscientização do estudante em relação à linguagem a ser implementada nas diversas situações de uso dos gêneros textuais. O trabalho das autoras, nos boxes *Para Lembrar*, não se restringe a apresentar o grau de monitoramento, se maior ou menor, mas podemos verificar que, dependendo do gênero, as marcas de oralidades, o uso do “internetês”, a presença de regionalismos, o vocabulário específico, os termos técnicos da respectiva área e a adequação à norma-padrão são algumas das ponderações que os alunos devem fazer ao se portar numa situação real de uso específica.

As primeiras reflexões sobre o conteúdo de variação linguística na coleção *Jornadas.port – Língua portuguesa* foram efetivadas por meio de um boxe *Variedades linguísticas* na obra destinada aos alunos do 6º ano do Ensino Fundamental, conforme podemos ver no trecho abaixo relacionado:

#### Fragmento 2 – Boxe *Variedades linguísticas*

##### *Variedades linguísticas*

Você notou como a língua sofre variações através do tempo? Além de serem escritas de diferentes modos em diferentes épocas, as palavras também “aparecem” e “desaparecem”. Você encontrou no texto “Sexta travessura” palavras que hoje em dia são pouco usadas, são usadas com outro significado ou deixaram de ser empregadas. Por outro lado, muitas outras palavras vão sendo incorporadas ao idioma.

- Das palavras que você usa, quais provavelmente não seriam conhecidas dos leitores de *Juca e Chico*?

Além da variação no tempo, a língua pode apresentar outros tipos de variação. Quem mora no Sul do Brasil não fala como quem mora no Norte; crianças e jovens não falam como adultos; um professor, ao dar aula, não fala como um jogador de futebol na hora do jogo. As pessoas não usam a língua do mesmo modo em todas as situações de sua vida: elas falam de um jeito com os amigos, de outro com o diretor da escola, e assim por diante. Essa propriedade de sofrer mudanças dá origem ao que chamamos de *variedades linguísticas*: os diferentes usos de uma mesma língua que convivem em uma comunidade.

**Fonte:** Delmanto e Barbosa (2012a, p. 67).

A partir das considerações acima, vimos que a inicialização ao assunto de variação linguística foi feita de forma a contemplar cada tipo específico de variação sociolinguística, consoante Bagno (2007), quais sejam, a diatópica (relacionada ao lugar), a diastrática (relacionada ao estrato social), a diamésica (relacionada aos meios, se língua falada ou escrita), a diafásica (relacionada ao grau de monitoramento) e a diacrônica (relacionada ao tempo). Vale destacar que muitos livros didáticos se limitam a apresentar a variação linguística em geral como “sinônimo de variedades regionais, rurais ou de pessoas não escolarizadas” (Bagno, 2007, p. 120). Contudo, através desse boxe sobre variedades linguísticas, percebemos a adequação dessa coleção aos conteúdos sociolinguísticos.

É interessante mencionar que no primeiro livro da coleção *Jornadas.port – Língua portuguesa* foi encontrado em boxe, também, o conceito de norma-padrão, conforme podemos ver a seguir:

#### Fragmento 3 – Boxe *Norma-padrão*

*Norma-padrão*: conjunto sistematizado de regras que tem como objetivo orientar e normatizar o uso da língua. Trata-se de uma língua idealizada, que não existe. É a língua registrada nas gramáticas. Espera-se que, nos

momentos de comunicação mais formais, se empregue uma linguagem o mais próxima possível da norma-padrão.

**Fonte:** Delmanto e Barbosa (2012a, p. 76).

Assim sendo, constatamos que o conceito de norma-padrão foi colocado não como uma variedade da língua, mas um conjunto de regras idealizadas e que funciona para normatizar os usos numa dada comunidade linguística, indo em concordância com o que Faraco (2008), Lucchesi e Lobo (1988) e Bagno (2015) apresentam sobre a norma padrão.

Ao longo da obra destinada aos alunos do 6º ano do Ensino Fundamental, constatamos outros boxes que apresentam informações sobre o modo variável que o Português Brasileiro (PB) pode se comportar, considerando o pressuposto da heterogeneidade linguística dos estudos sociolinguísticos. Abaixo, elencamos dois fragmentos que exaltam algumas particularidades do PB:

#### **Fragmento 4 – Boxe *Na fala é diferente***

*Na fala é diferente*

Na fala do brasileiro, com frequência aparecem ditongos que não existem na escrita (*bem/beim*) e desaparecem ditongos que existem na escrita (*caixa/caxa*)

**Fonte:** Delmanto e Barbosa (2012a, p. 75).

Nesse primeiro fragmento, apresentamos uma particularidade da fala em relação à escrita.

#### **Fragmento 5 – Boxe *Os pronomes vós, vos, vosso/vossa, vossos/vossas***

Os pronomes *vós, vos, vosso/vossa, vossos/vossas*, que se referem à segunda pessoa do plural (com quem se fala), são pouco usados atualmente no Brasil, estando praticamente restritos a textos bíblicos e literários. Em vez deles, é empregada a palavra *vocês*, por exemplo.

Em Portugal, o pronome *vós* ainda é usado tanto na escrita quanto na fala.

**Fonte:** Delmanto e Barbosa (2012a, p. 207).

Nesse segundo fragmento, apresentamos uma particularidade do uso dos pronomes *vós, vos, vosso/vossa, vossos/vossas* em relação ao Português Brasileiro e o Português Europeu (PE).

#### **Fragmento 6 – Boxe *Nós e a gente***

No Brasil, no lugar do pronome *nós*, é bastante empregada a expressão *a gente*, tanto na língua escrita quanto na língua falada.

**Fonte:** Delmanto e Barbosa (2012a, p. 254).

Nesse terceiro fragmento, apresentamos uma particularidade do uso da expressão *a gente* em textos escritos e falados. Vale destacar, ainda, que na primeira obra, o conteúdo de variação linguística não se limitou aos boxes, mas ocorreram em comentários de assuntos explanados e em atividades.

Na segunda, obra dedicada aos alunos do 7º ano do Ensino Fundamental, o conteúdo foi mostrado de modo mais aprofundado. As autoras dispensaram duas seções *Reflexões sobre a língua* na unidade 4 para retratar a temática de variação linguística.

Na primeira seção *Reflexões sobre a língua* da unidade 4 foi feita uma contextualização com uma pequena crônica de Rubem Braga, intitulada *A língua*, e feitos questionamentos em relação a ela, para depois, comentar que há diferenças entre o PB e o PE, entre contextos sociais e culturais, entre regiões, entre pessoas de diferentes faixas etárias, entre momentos históricos, ou seja, que a língua é



heterogênea, variável e suscetível a mudanças, conforme os pressupostos da Sociolinguística. Neste primeiro momento de reflexão sobre a língua, as autoras aproveitaram para incluir um box *País de muitas línguas* para refletir a pluralidade linguística no Brasil. Abaixo, apresentamos na íntegra, esse primeiro momento da abordagem da variação linguística na seção.

### Fragmento 7 – Variedades linguísticas I

**REFLEXÃO SOBRE A LÍNGUA**  
**Variedades linguísticas I**

1. Leia esta pequena crônica, chamada "A língua".

Conta-me Cláudio Mello e Souza. Estando em um café de Lisboa a conversar com dois amigos brasileiros, foram eles interrompidos pelo garçom, que perguntou, intrigado:

– Que tipo de língua é essa que estão aí a falar, que eu não percebo tudo?

Roberto Bragaa. Adaptado da primeira aula de Roberto Bragaa, 2008.

a) A qual língua o título do texto se refere?  
b) O que pode ter levado o garçom a pensar que se falava uma língua diferente da sua?

É fato bem conhecido que existem muitas diferenças entre a língua portuguesa falada em Portugal e a falada no Brasil. Porém, não é apenas entre o português europeu e o brasileiro que ocorrem variações. Por ser falada em diferentes contextos sociais e culturais, em diferentes regiões, por pessoas de diferentes idades e grupos sociais e em diferentes momentos históricos, até mesmo dentro do território brasileiro a língua portuguesa apresenta variações.

As variações que uma língua apresenta em razão das diferentes condições sociais, culturais, regionais e históricas vividas por seus falantes são chamadas de variedades linguísticas.

**País de muitas línguas**  
Além do português – a língua oficial do Brasil –, existem no país cerca de 180 outras línguas, sem considerar as comunidades de imigrantes, os idiomas indígenas. Entre a população indígena vivem cerca de 300.000 pessoas, faz sentido que tenham e entendam mais de uma língua (incluindo o português) ou que aprendam muitas línguas, mas só falam uma na aldeia delas.

Fonte: Delmanto e Barbosa (2012b, p. 145).

Para falar de variedades regionais ou variação diatópica da Língua Portuguesa, as autoras apresentaram quatro subtópicos: Português brasileiro e de outros países lusófonos; O português do Brasil e o português europeu (de Portugal); O português do Brasil e o português de países africanos lusófonos; e Variação linguística entre as regiões do Brasil.

No primeiro subtópico, as autoras comentaram que a Língua Portuguesa é a língua oficial de vários países, chamados por conta disso, de lusófonos, conforme podemos vislumbrar abaixo:

### Fragmento 8 – Português brasileiro e de outros países lusófonos

**Português brasileiro e de outros países lusófonos**

A língua portuguesa é a língua oficial de Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal e São Tomé e Príncipe. É também uma das línguas oficiais da Guiné Equatorial, do Timor-Leste e da cidade de Macau, na China. Por terem como idioma oficial o português, esses países e a cidade de Macau são chamados de **lusófonos** (veja o mapa).

**PAÍSES LUSÓFONOS**

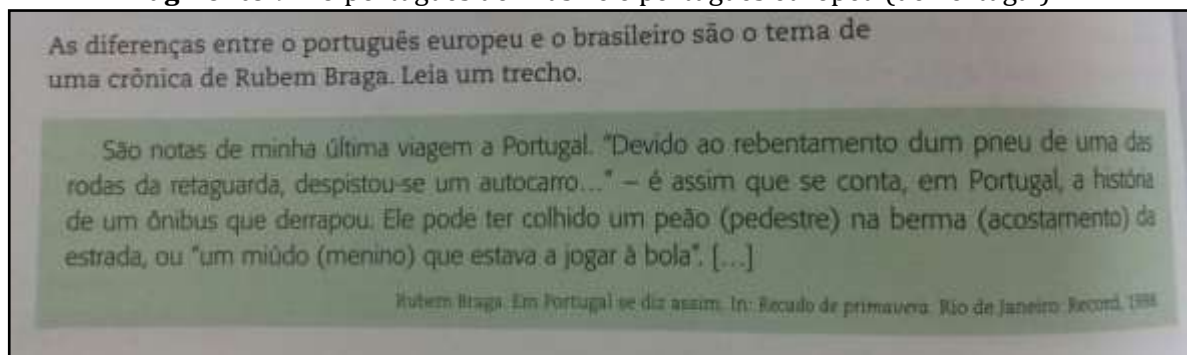
145

Fonte: Delmanto e Barbosa (2012b, p. 145).



O segundo subtópico foi apresentado por meio de uma questão que envolve uma história em quadrinhos (HQs) para apresentar as diferenças entre o PB e o PE. Além disso, apresentaram uma crônica de Rubem Alves para reafirmar as diferenças entre as duas variedades do Português, consoante se pode constatar abaixo:

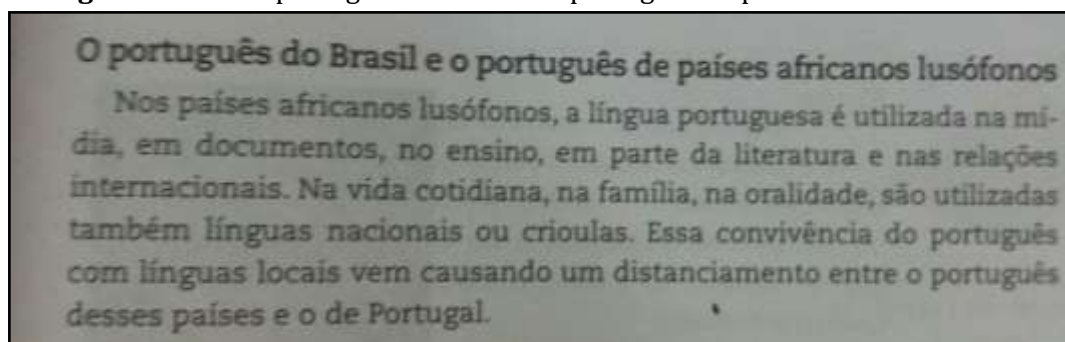
**Fragmento 9 – O português do Brasil e o português europeu (de Portugal)**



**Fonte:** Delmanto e Barbosa (2012b, p. 146).

No terceiro subtópico, apresentaram considerações sobre a língua portuguesa nos países africanos lusófonos e sua relação com línguas nacionais ou crioulas. Segue abaixo na íntegra essas considerações:

**Fragmento 10 – O português do Brasil e o português de países africanos lusófonos**



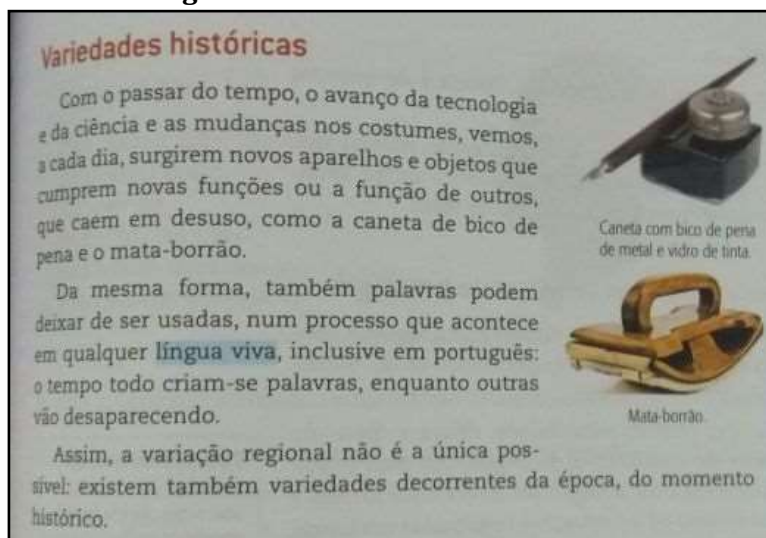
**Fonte:** Delmanto e Barbosa (2012b, p. 147).

Nesse subtópico, também, foram apresentadas duas questões. Uma questão que abrangia diferenças entre o Português Cabo-verdiano e Português Brasileiro. E outra questão que compreendia diferenças entre Crioulo e o Português.

No quarto subtópico, foram feitas explanações sobre as variedades regionais no Brasil que podem ser entre regiões, entre área rural e urbana e entre cidades de um mesmo estado, por exemplo. As autoras destacaram, ainda, que os meios de comunicação de massa, a exemplo da televisão, do jornal, da internet e o rádio, contribuíram para diminuir muitas diferenças, mas a variação é inevitável, ela é inerente a toda e qualquer sociedade, conforme os estudos sociolinguísticos. Ademais, nesse tópico, apresentaram uma questão que abarcava a identificação de termos e expressões típicas de uma dada região brasileira.

Além de falar das variedades regionais, as autoras nesta seção também apresentaram as variedades históricas, também conhecidas de variação diacrônica, que se referem às variedades resultantes de mudanças de época, de contexto histórico, enfim, de mudanças por que passam as línguas vivas. Seguem abaixo as considerações feitas sobre essa variedade linguística:

### Fragmento 11 – Variedades históricas



Fonte: Delmanto e Barbosa (2012b, p. 149).

No tópico também foram apresentados exercícios que continham mudanças ocorridas ao longo do tempo. Um deles é apresentado abaixo:

### Fragmento 12 – Crônica Antigamente

1. Leia, na coluna à esquerda, um trecho da crônica "Antigamente", de Carlos Drummond de Andrade. À direita, o mesmo texto reescrito na linguagem atual.

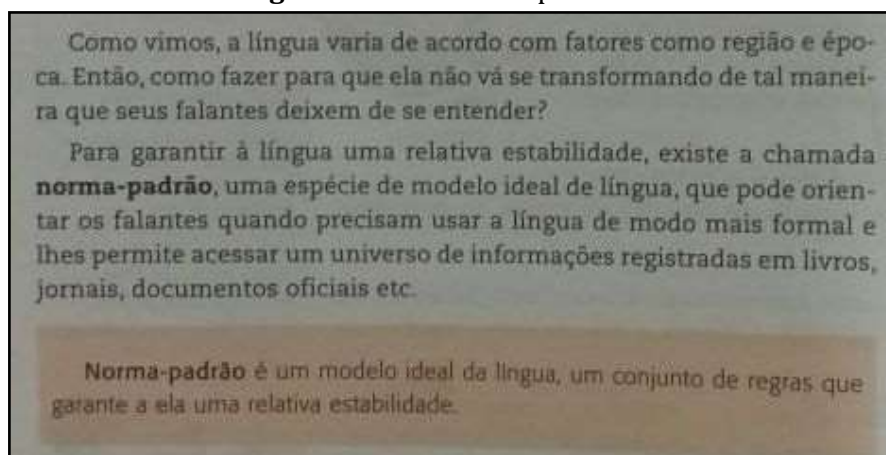
<p>Acontecia o indivíduo apanhar constipação; ficando perengue, mandava o próprio chamar o doutor e, depois ir à botica para aviar a receita de cápsulas ou pilulas fedorentas. Doença nefasta era a phtysica, feia era o gálico. Antigamente, os sobrados tinham assombrações, os meninos lombngas, asthmas os gatos [...]</p> <p><small>Carlos Drummond de Andrade. Caminhos de João Brumado. Rio de Janeiro: Record, 2002.</small></p>	<p>Acontecia o indivíduo apanhar um resfriado; ficando mal, mandava o próprio chamar o doutor e, depois, ir à farmácia para comprar o remédio, de cápsulas ou pilulas fedorentas. Doença terrível era a tuberculose, feia era a sífilis. Antigamente, os sobrados tinham assombrações, os meninos, vermes, asma, os gatos.</p>
---	--

Esse texto permite concluir que a linguagem de "antigamente" é diferente da de hoje em dia em relação a vocabulário, ortografia ou pontuação?

Fonte: Delmanto e Barbosa (2012b, p. 149).

Nessa seção, ainda, apresentaram um tópico sobre a norma-padrão e as variedades urbanas de prestígio. Nesse tópico, o conceito de norma padrão é reiterado com mais riqueza de informação, conforme podemos vislumbrar abaixo:

### Fragmento 13 – Norma-padrão



Fonte: Delmanto e Barbosa (2012b, p. 150).

Para Faraco (2008; 2016), o padrão serve para frear a dialeção, sendo uma baliza para a manutenção da uniformização linguística. Contudo, é notório comentar que aquilo que não se enquadra no padrão não deve ser descreditado, consoante o boxe *E se estiver fora do padrão?*, abaixo, podemos perceber que o português padrão e o português não padrão têm o seu papel dentro de uma comunidade linguística.

### Fragmento 14 – E se estiver fora do padrão

*E se estiver fora do padrão?*

Leia o que diz um linguista a respeito do português que não segue a norma-padrão.

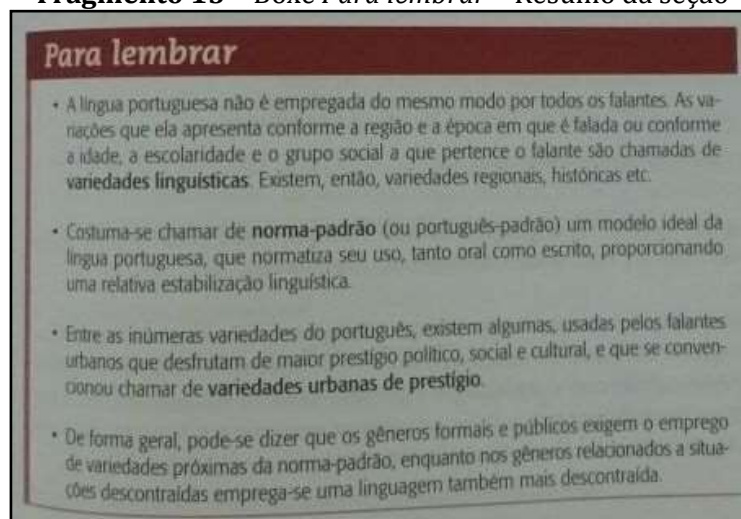
[...] o fato de não ser um padrão, de não ser um modelo a ser imitado por quem se considera instruído, não significa que esta variedade do português [o português não padrão] seja “errada”, “pobre de recursos”, “insuficiente para a expressão”... Muito pelo contrário, [...] ela tem uma clara lógica linguística, tem regras que são coerentemente obedecidas, e serve de material para uma literatura popular muito rica.

Marcos Bagno. *A língua de Eulália*: novela sociolinguística. São Paulo: Contexto, 2006.

Fonte: Delmanto e Barbosa (2012b, p. 150).

Ademais, apresentou, ainda, outro boxe sobre norma padrão. Esse, por sua vez, com motivos por que se deve estudar essa norma na escola. Além de comentar sobre a norma padrão, nesse tópico, também teve explanações sobre as variedades urbanas de prestígio (conhecida, ainda, de variedades prestigiadas, de norma culta, de norma comum ou de norma *standard*). Para fixação do que foram retratadas sobre a norma padrão e as variedades urbanas de prestígio, as autoras apresentaram três questões sobre o assunto. E fechando a seção *Reflexão sobre a língua*, fizeram uma síntese do que foi discutido, como podemos apontar abaixo:

**Fragmento 15 – Boxe *Para lembrar* – Resumo da seção**



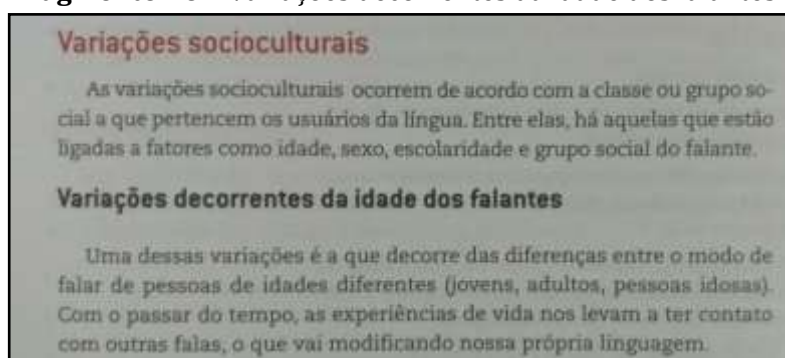
**Fonte:** Delmanto e Barbosa (2012b, p. 151).

Além disso, para consolidação do que foi visto na seção de modo geral, as autoras apresentam atividades, no número de quadro. A primeira relacionada às diferenças entre as variedades regionais do PB e do PE. A segunda relacionada às diferenças entre variedades históricas de um texto escrito em 2002 e escrito nos dias atuais. A terceira relacionada à variação linguística entre as regiões brasileiras. A quarta relacionada às diferenças entre as variedades urbanas de prestígio e a norma padrão.

Na unidade 4 da obra destinada aos alunos do 7º ano do Ensino Fundamental, ainda, foi encontrada mais uma seção *Reflexão sobre a língua* abordando o fenômeno de variação linguística no livro didático de Português. Nesta seção, apresentaram comentários acerca das variações socioculturais, com informações sobre as variações decorrentes da idade dos falantes e de jargões e gírias, além disso, apresentaram comentários da variação situacional (variação de registro), englobando a formalidade e informalidade, bem como a fala e a escrita.

Abordando de modo detalhado, a seção é uma continuação da seção já explicitada acima. Iniciam apresentando as variações socioculturais, que se referem às variações em nível de classe ou grupo ou estrato social e também se referem às variações em nível de idade, de escolaridade e de faixa etária, por exemplo. Essas variações socioculturais são conhecidas, conforme Bagno (2007), de variação diastrática. Sobre as variações decorrentes da idade dos falantes, as autoras apresentam o que segue abaixo:

**Fragmento 16 – Variações decorrentes da idade dos falantes**



**Fonte:** Delmanto e Barbosa (2012b, p. 162).

Para caracterizar desse tipo de variação, as autoras apresentam uma atividade para que os alunos verifiquem como a variação de idade pode trazer desentendimentos ou ambiguidades nos eventos discursivos. As autoras, também, apresentam a variação ocorrida pelos grupos profissionais, em seus jargões, que os leigos podem não entender. Jargões, conforme Delmanto e Barbosa (2012b, p. 163), referem-se ao “conjunto de termos específicos usados por pessoas que compartilham a mesma atividade profissional”. Além dos jargões, as autoras apresentam as gírias, conforme fragmento disponibilizado abaixo:

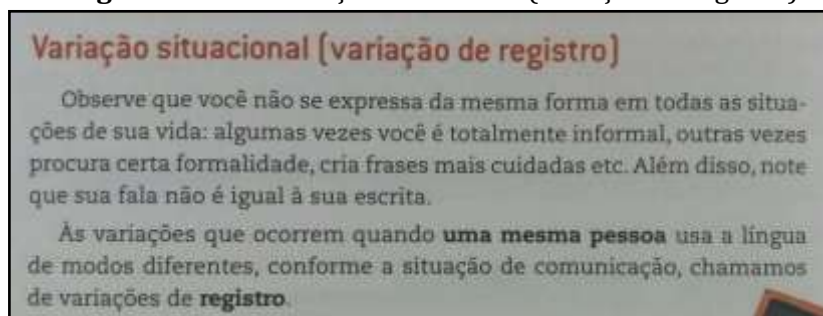
#### **Fragmento 17 – Gírias**

*Gírias são termos não convencionais utilizados em lugar de outras palavras correntes da língua. Trata-se de uma linguagem restrita de alguns grupos sociais, cujo uso afirma a identidade de seus usuários e marca sua diferença em relação ao restante da sociedade.*

**Fonte:** DELMANTO e BARBOSA (2012b, p. 164).

Além das variações socioculturais, as autoras abordaram a variação situacional (variação de registro), nos termos do fragmento abaixo:

#### **Fragmento 18 – Variação situacional (variação de registro)**



**Fonte:** Delmanto e Barbosa (2012b, p. 164).

Com isso, as autoras citam que as situações de formalidade ou informalidade da linguagem se sujeitam à situação de comunicação. Falam em variação diafásica, quando envolve o grau de monitoramento, se mais ou menos formal ou informal. Assim, dependendo da situação, a linguagem é polida ou não.

Além das situações de formalidade e informalidade, as autoras citam as diferenças entre os textos falados e os textos escritos, como podemos vislumbrar abaixo:

#### **Fragmento 19 – A fala e a escrita**

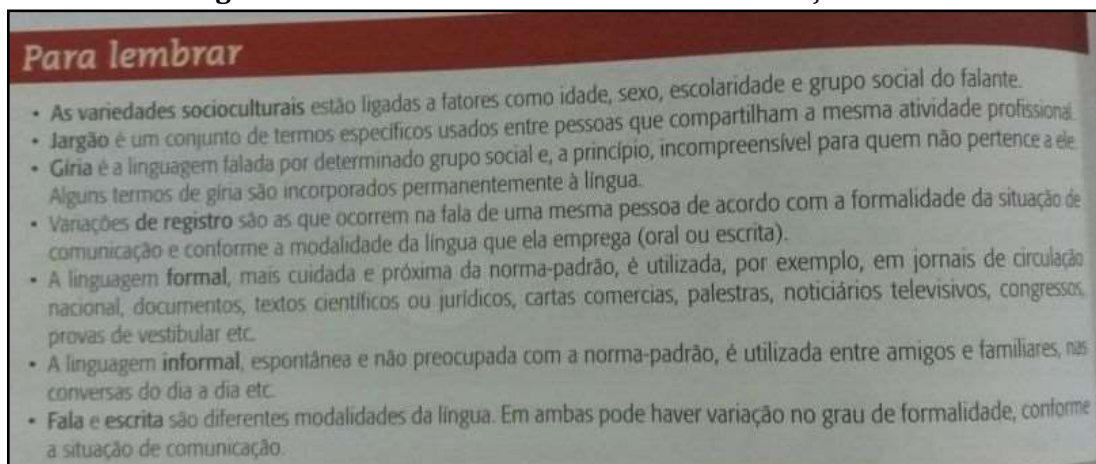
*Fala e escrita são diferentes modalidades da língua. Tanto a fala como a escrita podem ser formais ou informais, conforme a situação de comunicação, mas certas diferenças entre elas são frequentes: a fala costuma conter frases mais curtas, há mais interrupções, hesitações e repetições, e o falante pode recorrer a gestos, olhares, diferentes entonações etc.; a escrita, que pode ser planejada e refeita, costuma trazer frases mais longas e complexas; a pontuação e outros recursos são empregados para criar efeitos de sentido etc.*

**Fonte:** Delmanto e Barbosa (2012b, p. 165).



As variações ocorridas entre textos falados e escritos são conhecidas como variação diamésica. Para finalizar o assunto sobre as variedades linguísticas, as autoras trazem, além de atividades propostas, um boxe *Para Lembrar* com o resumo do que foi visto na seção, de acordo com o que se segue:

**Fragmento 20 – Boxe *Para lembrar* – Resumo da seção**



**Fonte:** Delmanto e Barbosa (2012b, p. 166).

É interessante comentar que, além das seções dedicadas a apresentação da variação linguística, a obra destinada aos alunos do 7º ano do Ensino Fundamental possui ainda alguns boxes comentando as particularidades do PB e da pluralidade linguística no Brasil. Em síntese, nessa obra ofertada aos alunos do 7º ano do Ensino Fundamental, a variação linguística realizou-se de forma acentuada em relação às demais.

Na obra destinada aos alunos do 8º ano do Ensino Fundamental, por sua vez, a temática de variação linguística não teve uma seção específica para tratamento dessa temática, porém, ela foi desenvolvida, ao longo da obra, por meio de boxes e atividades. Podemos citar como exemplo os seguintes trechos que versam sobre essa temática:

**Fragmento 21 – Uso do verbo ter na linguagem informal**

Na linguagem informal, escrita ou oral, o verbo *ter* é frequentemente empregado como impessoal, com o significado de “existir” (assim como acontece com o verbo *haver*).

**Fonte:** Delmanto e Barbosa (2012c, p. 41).

Nesse fragmento 21, foi apresentado que o verbo *ter*, assim como ocorre com o verbo *haver*, na acepção de existir, em momentos informais, é empregado como impessoal.



### Fragmento 22 – A regência e as variedades linguísticas

#### *A regência e as variedades linguísticas*

Aprendemos na escola que quem chega chega a algum lugar, quem vai vai a algum lugar, quem obedece obedece a alguém ou a alguma coisa, quem sobressai sobressai (e não “se sobressai”) etc. [...] Muitas vezes, falta a informação essencial: teoricamente, essas regências são as predominantes nos registros formais da língua; nas variedades não formais, nem sempre a coisa segue modelo. Se tomarmos como exemplo o verbo *chegar*, veremos que, na oralidade brasileira, costuma-se chegar *em* algum lugar. Qual é o brasileiro que, no dia a dia, não diz que chegou em casa, em Santos, no Japão ou na Europa? [...] O fato é que a regência de um verbo pode mudar não só de acordo com o seu significado [...], mas também de acordo com a variedade de língua empregada. [...]

Pasquale Cipro Neto. *Folha de S.Paulo*, 16 fev. 2006.

**Fonte:** Delmanto e Barbosa (2012c, p. 176).

Nesse fragmento 22, apresentaram que a regência verbal pode mudar, conforme a situação comunicativa e o significado. Numa situação formal, o locutor tende a se utilizar da regência consoante a norma padrão. Numa situação informal, por sua vez, o locutor pode não obedecer à padronização da gramática normativa. Um dos casos que se pode exemplificar é o do verbo *chegar*, que muitas vezes, na oralidade, o brasileiro se utilizar da preposição *em*, em vez da preposição *a*.

### Fragmento 23 – A regência do verbo assistir

O verbo *assistir* tem mais de um sentido. Quando ele é empregado significando “ver e ouvir” (um espetáculo, concerto etc.), presenciar (algo)”, de acordo com a norma-padrão deve reger seu complemento por meio da preposição *a*: *assistir a*.

Na linguagem informal e na modalidade oral da língua, porém, é muito comum encontrarmos o verbo *assistir* sem a preposição *a*.

**Fonte:** Delmanto e Barbosa (2012c, p. 231).

Nesse fragmento 23, apresentaram mais um exemplo de mudança de regência. O verbo *assistir*, na acepção de “ver e ouvir”, é tradicionalmente tipo como verbo transitivo indireto, com preposição *a*. Contudo, na linguagem informal e na modalidade falada, é usual encontrar o verbo *assistir* regido sem preposição, como transitivo direto.

### Fragmento 24 – Regência do verbo chegar

No registro formal da língua, é empregada a preposição *a* para o verbo *chegar*, como recomenda a norma-padrão. No informal e na modalidade oral, porém, é muito comum encontrarmos o verbo *chegar* construído com a preposição *em*.

**Fonte:** Delmanto e Barbosa (2012c, p. 232).

Nesse fragmento 24, reiteraram o que foi exposto no fragmento 22 sobre a regência do verbo *chegar* e as variedades linguísticas de registro e de monitoramento para essa construção.

### Fragmento 25 - O uso da mesóclise

*Mesóclise* é a colocação do pronome pessoal átono intercalado à forma verbal. É raramente encontrada em textos escritos no português do Brasil, aparecendo apenas em registros muito formais.

**Fonte:** Delmanto e Barbosa (2012c, p. 273).

Nesse fragmento 25, apresentaram que a colocação pronominal mesoclítica no PB é empregada apenas em registros muito formais da modalidade escrita.

**Fragmento 26 – A tendência de colocação pronominal no PB e no PE**

Em situações informais, no português do Brasil, a tendência de colocação pronominal é a próclise. Em Portugal, a preferência é pelo uso da ênclise.

**Fonte:** Delmanto e Barbosa (2012c, p. 293).

Nesse fragmento 26, apresentaram a diferença entre o PB e o PE em relação à colocação pronominal. Em situações informais, no PB há predominância da próclise e no PE, por seu turno, há predominância da ênclise.

**Fragmento 27 – Colocação pronominal no português brasileiro contemporâneo**

No português brasileiro contemporâneo, principalmente na linguagem informal, não se costuma seguir as regras da norma-padrão na colocação pronominal.

**Fonte:** Delmanto e Barbosa (2012c, p. 303).

Nesse fragmento 27, apresentaram que no PB da atualidade, sobretudo em registros informais, a norma padrão para a colocação pronominal não é seguida.

Em suma, através dos fragmentos apresentados acima, verificamos que no livro destinado ao público do 8º ano do Ensino Fundamental, a variação linguística, principalmente a diamésica e a diafásica, foi apresentada em contraponto à norma-padrão, ou seja, às regras preconizadas na gramática tradicional, no que se refere principalmente à regência verbal e à colocação pronominal.

No livro destinado aos alunos do 9º ano do Ensino Fundamental, constatamos o tratamento da variação linguística em vários trechos, dentre os quais podemos destacar:

**Fragmento 28 - Omissão de preposição em oração subordinada substantiva**

É comum, em especial na linguagem informal, omitir-se a preposição que liga a oração subordinada substantiva objetiva indireta à oração principal.

**Fonte:** Delmanto e Barbosa (2012d, p. 106).

Nesse fragmento 28, apresentaram uma particularidade, sobretudo na linguagem informal, para a omissão de preposição que liga uma oração subordinada substantiva objetiva indireta à oração principal de um período.

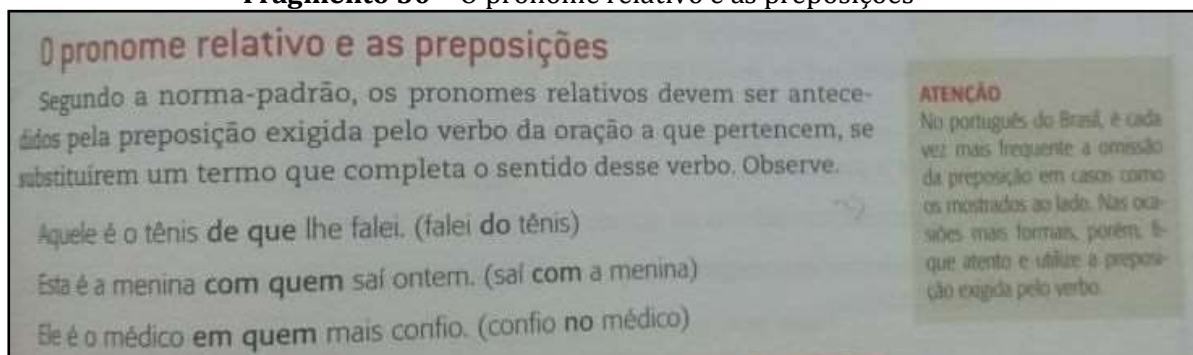
**Fragmento 29 – A linguagem do rapper**

O *rapper* utiliza uma linguagem e maneira de se expressar muito frequente no meio em que vive como forma de firmar a identidade desse grupo social. É como se o fato de ele não seguir a norma-padrão fosse parte dessa luta por construção e afirmação de identidade.

**Fonte:** Delmanto e Barbosa (2012d, p. 136).

Nesse fragmento 29, apresentaram o rapper como manifestação social que se utiliza de uma linguagem não padrão para a afirmação de identidade grupal.

## Fragmento 30 – O pronome relativo e as preposições



Fonte: Delmanto e Barbosa (2012d, p. 173).

Nesse fragmento 30, apresentaram acerca do uso do pronome relativo e das preposições, segundo a norma padrão e das particularidades no PB de se omitir a preposição antes dos pronomes relativos em uma oração. Enfim, esses são alguns dos fragmentos que se trabalhou o tratamento da variação linguística no livro didático dedicado aos estudantes do 9º ano da Educação Básica.

## 6. Considerações finais

O estudo investigativo ora realizado que objetivou verificar o tratamento dado à variação linguística em uma coleção de livros didáticos de Português, considerando o que preconizam os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e os pressupostos da Sociolinguística, foi promissor à medida que podemos conhecer a realidade que se encontra uma das coleções de livros didáticos de Português disponibilizado pelo Plano Nacional do Livro Didático, nas escolas da rede pública municipal da Educação Básica de Teresina.

Assim sendo, a partir do objetivo específico de constatar se a variação linguística foi uma constante ou apareceu de forma pontual em uma coleção de livros didáticos de Português, podemos perceber o quão a coleção *Jornadas.port – Língua portuguesa*, de Antonieta Delmanto e Laíz Barbosa de Carvalho atende ao que preconizam os PCN quanto à adequada apresentação do conteúdo de variação linguística nos livros didáticos de Português.

A coleção ora averiguada não apresenta o conteúdo de variação linguística de forma pontual e, objetivando somente o cumprimento das exigências dos editais de seleção de obras do PNLD, ela faz um trabalho bem-sucedido em apresentar o fenômeno da variação linguística, conforme os pressupostos da Sociolinguística, por intermédio de boxes explicativos, seções dedicadas a essa temática, atividades e questões de provas oficiais.

Em relação às seções dedicadas a apresentação da variação linguística, é interessante mencionar que os conteúdos expostos não se restringiram a explanação de um determinado tipo de variação sociolinguística. As autoras apresentaram reflexões sobre a variação diatópica (relacionada ao lugar), a variação diastrática (relacionada ao estrato social), a variação diamésica (relacionada aos meios, se língua falada ou escrita), a variação diafásica (relacionada ao grau de monitoramento) e a variação diacrônica (relacionada ao tempo).

Enfim, com a realização da presente pesquisa, vislumbramos que o tratamento dispensado à variação linguística na coleção *Jornadas.port – Língua portuguesa* é feito de forma condizente aos PCN e a Teoria Sociolinguística. Desta forma, avanços no ensino de língua materna quanto à inserção do conteúdo de variação linguística nos livros didáticos de Português estão em desenvolvimento.

## Referências

- ALKMIM, Tânia Maria. Sociolinguística. *In*: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (orgs.). **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2015. p. 23-50.
- BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola, 2007.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico**. 56. ed. São Paulo: Parábola, 2015.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental – língua portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRASIL. **Edital de convocação 06/2011**: edital de convocação para o processo de inscrição e avaliação de coleções didáticas para o programa nacional do livro didático PNLD 2014. MEC/CGPLI, 2011.
- BRASIL. **Guia de livros didáticos: PNLD 2014: língua portuguesa: ensino fundamental: anos finais**. Brasília: MEC/SEB, 2013.
- BELINE, Ronald. A variação linguística. *In*: FIORIN, José Luiz (org.). **Introdução à linguística: I. objetos teóricos**. 6. ed. 4. reim. São Paulo: Contexto, 2015. p. 121-140.
- CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. Tradução Marcos Marcionilo. 2. ed. São Paulo: Parábola, 2002.
- CAMACHO, Roberto Gomes. Sociolinguística: parte II, *In*: MUSSALLIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (orgs.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. V.1 São Paulo: Cortez, 2012, p. 51-83.
- CEZARIO, Maria Maura; VOTRE, Sebastião. Sociolinguística. *In*: MARTELLOTA, Mario Eduardo (org.). **Manual de Linguística**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2015. p. 141-155.
- DELMANTO, Dileta; CARVALHO, Laíz Barbosa de. **Jornada.port – Língua portuguesa: 6º ano**. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2012a.
- DELMANTO, Dileta; CARVALHO, Laíz Barbosa de. **Jornada.port – Língua portuguesa: 7º ano**. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2012b.
- DELMANTO, Dileta; CARVALHO, Laíz Barbosa de. **Jornada.port – Língua portuguesa: 8º ano**. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2012c.
- DELMANTO, Dileta; CARVALHO, Laíz Barbosa de. **Jornada.port – Língua portuguesa: 9º ano**. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2012d.
- FARACO, Carlos Alberto. **Norma culta brasileira: desatando alguns nós**. São Paulo: Parábola, 2008.
- FARACO, Carlos Alberto. **História sociopolítica da língua portuguesa**. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.
- FRANÇA, Anieli Improta; FERRARI, Lilian; MAIA, Marcus. **A linguística no século XXI: convergências e divergências no estudo da linguagem**. São Paulo: Contexto, 2016.
- ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato. **O português da gente: a língua que estudamos, a língua que falamos**. São Paulo: Contexto, 2014.
- LUCCHESI, Dante; LOBO, Tânia Conceição Freire. Gramática e Ideologia. **Sitientibus**, Feira de Santana, v. 8, p. 73-81, 1988.
- TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1994.